

**"PRÁTICAS SÓCIO-CULTURAIS EXERCIDAS EM BONITO – LESTE  
MATO-GROSSENSE 1890-1954)"**

Viviane Correa Carvalho  
Universidade Federal de Mato Grosso  
vivicarvalho20@hotmail.com

O trabalho ainda em fase de desenvolvimento se propõe a pesquisar as práticas sociais e culturais comuns que faziam parte da vida dos migrantes que vieram para o leste do estado de Mato Grosso, mais precisamente para o povoado de Bonito, no começo do século XX e que em sua maioria eram originários do nordeste. Estes migrantes vinham impulsionados pela febril idéia de riqueza fácil trazendo suas crenças, seus folclores, suas raízes sócio-culturais. Mulheres e homens idealistas, sonhadores, trabalhadores. Também serão levados em consideração, os primeiros habitantes brancos (não índios) que chegaram à região, ainda no fim do século XIX, com a intenção de explorar a terra para criação de gado. No início os primeiros moradores enfrentaram muitas dificuldades, levando-se em consideração que eles foram para um local de fronteira, que era território do povo Bororo.

Na pesquisa que estamos realizando, podemos observar este atrito entre dois povos que tinham modos de vida, hábitos e valores diferentes. Um exemplo é esta passagem do jornal “O Garimpeiro” que circulava na região Leste mato-grossense na primeira metade do século XX. O artigo do jornal versa sobre a vinda do Sr. João José de Moraes Cajango para o povoado de Bonito, atualmente Alto Garças. Importante destacar como este meio de veiculação de mídia escrita exalta a figura do homem “civilizado” em oposição ao nativo:

Não foi das menos heróicas e decididas a sua penetração, quando os acontecimentos da época v.g. a perseguição encaminhada da viúva de José Manoel Vilela, pagando 5\$000 por orelha de bororô, de algum modo era bastante ousada dado que os animos dos índios se acoavam agastados com as perdas que sofriam em consequência da morte do então patrão de Cajango.

Entretanto, com a tempera inflexível de lutador, não se desencorajára.. Havendo feito a escolha dos lugares mais convenientes ao desenvolvimento da agro-pecuária, retorna a Jatahy em fevereiro do mesmo, juntando-se á sua esposa – em S. Rita do Araguaia, onde deixou-a mais o coberto das surpresas dos Índios que temia. (sic) (nº 17. 1938.)

Silva (2008) ressalta que houve um genocídio dos povos indígenas na área da fronteira entre Brasil e Bolívia. O povo Chiquitano, do qual Silva trata em sua pesquisa, ainda conseguiu sobreviver mesmo com pressões muito fortes e com a perda de sua língua e suas terras. Infelizmente nem assim os povos Bororos resistiram no Sudeste mato-grossense. Silva faz uma citação de Roberto Cardoso de Oliveira (1976) que nos ajuda a refletir sobre esse genocídio que aconteceu com a chegada de fazendeiros e garimpeiros em Bonito no fim do século XIX. Segundo Silva:

(...) As relações interétnicas são permeadas pelo conflito, não apenas em virtude do estranhamento em face às diferenças culturais e à necessidade da demarcação das fronteiras étnicas. Esse conflito é alimentado pela divergência dos interesses dos grupos indígenas em relação à terra, uma relação totalmente diferente da dos proprietários rurais e fazendeiros. (2008 p.134)

Para Williams (1992) cultura é, pois, o espaço e instância de dominação, mas, também, esfera de realizações, sendo, ao mesmo tempo, produto e produção de um modo de vida em um determinado momento histórico. A partir dessa reflexão, Williams propõe a idéia de cultura comum, ordinária, encravada no modo de vida da experiência cotidiana, como uma forma de se pensar, o que congrega a sociedade. Assim, a cultura é de todos, e todos estão unidos pelas experiências comuns vividas. Ao definir cultura como algo comum, Williams une os dois pontos principais, inter-relacionados, que concernem esse conceito: modos de vida e produtos artísticos. Ao definir Bonito – MT no fim do século XIX e início do século XX como fronteira estou me referindo não apenas à fronteira espacial, mas também à fronteira cultural que há entre povos com modos de vida diferentes.

Para Turner o desenvolvimento americano é explicado pelo avanço e colonização do Oeste. A complexidade da vida urbana e suas instituições se desfizeram e se refez na medida em que se avançava para a fronteira.

Os desafios enfrentados pelos pioneiros a cada momento na fronteira, os levaram a voltar para as condições primitivas, adaptando-se à natureza para sobreviver. Depois, graças ao seu legado europeu, pouco a pouco eles modificavam as condições, construindo o que chama de “caráter americano”. Para Wegner (2000) a dinâmica da fronteira de Turner pode ser dividida em: primeiro na adaptação do adventício ao meio; segundo na re-significação do espaço trazendo suas lembranças e com elas

modificando o espaço. No terceiro momento, seria então o produto americano. Assim, em um ensaio organizado por KNAUSS tivemos condições de entrar em contato com a obra de Turner desta forma, segundo Knauss, o próprio Turner em sua exposição sobre a Frontier Thesis, em 1893, durante uma feira de Chicago afirma (KNAUSS, 2004, p. 25):

A peculiaridade das instituições americanas se deve ao fato de terem sido compelidas a se adaptarem às mudanças de um povo em expansão – às transformações decorrentes da travessia de um continente, do desbravamento de terras selvagens e deslançando, em cada área desse progresso, as condições econômicas e políticas primitivas da fronteira para alcançar a complexidade da vida urbana.

A fronteira é o lugar de limite entre a “civilização” e a terra livre. Primeiramente a fronteira é a Costa no caso de Turner, a Americana, aonde chega o europeu, que é obrigado a se adaptar à vida selvagem. Este por sua vez, tem que se ajustar à àquele ambiente a princípio, para conseguir sobreviver. Assim ele adquire muitos hábitos indígenas, mas pouco a pouco, na medida em que tem oportunidade, este europeu, que trouxe uma “bagagem”, um “stock cultural” do “velho mundo”, se serve desta bagagem cultural passando a utilizá-la no “novo mundo”, transformando-lo. (KNAUSS 2004, p.25-26):

Em suma, na fronteira, acima de tudo, o meio ambiente é duro demais para o homem. Ele tem de aceitar as condições que esse meio ambiente lhe oferece, ou perece, e assim ele se ajusta às roças abertas pelos índios e segue as trilhas indígenas... mas o resultado não é a velha Europa... o fato é que aqui há um novo produto, que é americano.

Assim, a cada avanço para o Oeste se cria um afastamento da influência que a Europa exerce e se faz um novo personagem naquele ambiente. Sérgio Buarque de Holanda (1994) também discute o assunto, analisando o avanço para o Oeste, mostrando a conquista das fronteiras do interior do Brasil e a formação do sertanejo e o seu modo de vida independente. Segundo Holanda (1994, p. 21):

O retrocesso a condições mais primitivas, a cada novo contato com a selva e com o habitante da selva, é uma etapa necessária nesse feliz processo de aclimação. Sem ela não poderíamos conceber facilmente muitos daqueles sertanejos audazes, que chegaram a

aclamar um rei de sua casta e dos quais dizia certo governador português que formavam uma república de per si, desdenhosos das leis humanas e divinas.

No Brasil a temática da fronteira, assim como na experiência americana, se constituiu em uma forma de ligação com estudos sobre o caráter e a identidade, buscando assim, se compreender os fatores determinantes na formação nacional. Silva nos dá um exemplo sobre este exótico lugar de fronteira no leste de Mato Grosso por onde fez uma viagem ainda na primeira metade do século XX (SILVA, 1936 p. 66):

O culto sacerdote salesiano José de Noronha, pertencente a catequese dos índios bororos, escrevendo alguns a respeito deste esquecido rincão do Brasil, transmitiu da maneira seguinte as impressões que se lhe fixaram no espírito : A realidade, porém, as vezes supera a nossa imaginação. Aqui nestas solidões, limite extremo da civilização, a terra parece tocar o céu. À medida que o auto-caminhão, gingando por estradas impraticáveis, se distancia da última cidade servida pela ferrovia, a natureza vai ficando cada vez mais rústica e agressiva. O homem parece tornar-se mais selvagem: ostenta enormes pistolas pendentes da cinta, vira quase fera, e como as feras dorme no manto, tão bem como na própria casa. Tudo é comum. O roubo é desconhecido. Todos parecem conhecer-se e unir com o único fim de superar as dificuldades e de vencer as distâncias. Domina a força, e a justiça cumpre-se sumariamente. Surgem então pequenos núcleos de casas: paredes de pau e barro, cobertas de palmas buriti, mais tarde, telhas. Aí descansam, defende-se das intempéries e refazem as forças para tentar novas conquistas.

Segundo Martins (1997 p. 182).

[...] a situação de fronteira é um ponto de referência privilegiado para a pesquisa sociológica porque encerra maior riqueza de possibilidades históricas do que outras situações sociais. Em grande parte porque mais do que o confronto entre grupos sociais com interesses conflitivos, agrega a esse conflito também o conflito entre historicidades desencontradas [...].

Martins ressalta o aspecto trágico da fronteira nas comunidades por ele estudadas, fazendo sérias críticas aos estudos que privilegiam a ideologia do pioneiro, o discurso dominante, elaborado, pelo *imaginário do poder*. O discurso coloca a formação das fronteiras e destaca figuras importantes ou grupos sociais que,

desbravando um território selvagem, despovoado, teriam construído a civilização no espaço conquistado. Não levando em consideração que aquela terra já era habitada por nativos que na maioria dos casos já estavam na região há centenas de anos. Esse imaginário que destaca a figura do pioneiro embasa-se em Turner que, segundo Martins, não mostra a luta pela terra em decorrência da invasão de territórios indígenas, a violência provocada pela conquista e os desencontros entre nativos e não-nativos. É importante ressaltar essa falha de Frederick Jackson Turner, o que não tira o mérito deste considerando a sociedade e a época que escreveu seu artigo.

Uma das principais fontes da pesquisa que estamos a desenvolver, é a memória dos retirantes do nordeste que vieram para trabalhar no garimpo e a memória dos netos do sr. João José de Moraes Cajango, que tiveram que aprender a viver em um lugar de fronteira. Pretendemos explorar as lembranças do tempo da fazenda e da convivência com a figura do avô. Sabemos que a escrita da História assim como as narrativas que dela surgem, não é uma representação exata do que existiu, mas deve-se fazer um esforço para compreender a forma como o passado chega até o presente.

A utilização desse método, constrói um certo conhecimento histórico que, na perspectiva da narrativa, permite, assim, uma descrição das representações dos sujeitos que viveram a história ou, de alguma forma, com ela tiveram contato. Este método de pesquisa dá a oportunidade de trazer àquele que escreve a história, a voz dos próprios atores.

Veyne, sugere que a História seria filha da Memória, já que ao se escrever a História não está se escrevendo o evento tal como aconteceu com os atores deste evento “[...] a narração histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento; ela não é um documentário em fotomontagem e não mostra o passado vivo ‘como se você estivesse lá’” (Veyne, 1998 p.18-19). Assim posto pelo autor, podemos observar uma crítica ao positivismo e uma defesa da História Oral. (Veyne, 1998, p. 18)

Especular sobre a defasagem que sempre separa a experiência vivida da reflexão sobre a narrativa levaria, simplesmente a constatação de que Waterloo não foi a mesma coisa para um soldado e um marechal, que é possível narrar esta batalha na primeira e na terceira pessoa, referir-se a ela como uma batalha, como uma vitória inglesa ou uma derrota francesa, que se pode deixar entrever desde o início, o seu epílogo ou simular descobri-lo: essas especulações podem dar

ocasião a experiências estéticas divertidas; para o historiador são a descoberta de um limite.

A história de vida é uma metodologia no âmbito da História Oral, a qual procura aprofundar as informações obtidas através da entrevista oral. A história de vida é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo e do espaço, o qual procura reconstituir através de sua memória os acontecimentos que vivenciou, e transmitir a experiência que adquiriu. Para Queiroz (1988, p. 19):

História oral é termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação que se quer completar. (...) busca-se uma convergência de relatos sobre um mesmo acontecimento ou sobre um período de tempo. (...) Na verdade tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica.

No trabalho que estamos desenvolvendo pensamos em ressaltar as práticas que eram comuns na comunidade em estudo, as quais faziam parte da vida dos migrantes que, em sua maioria, eram originários do nordeste. Em uma entrevista concedida a mim pelo senhor João Rosa, originário do nordeste, este me conta um pouco sobre sua vinda para a atual cidade de Alto Garças.

Nois veio pra garimpo por que a conversa aqui do Mato Grosso é que arrancava o capim chacoalhava assim e diamante forrava né. Ai chegô aqui foi tão diferente né. Vinha gente de lá pra cá da Bahia pra cá e chegava lá mintindo. Que diamante aqui era fácil demais que no manchão chacoalhava assim e o diamante caía. Mintira. Chegamo aqui dava diamante mesmo, mas tinha que suá. Era trabaioso. Tinha que quebrá o cascalho, carregá, lavá.<sup>1</sup>

Pretendemos destacar a população garimpeira que se formou no início do século em Bonito e que ia se concentrando às margens dos rios e riachos em busca de uma riqueza que para a maioria destas pessoas nunca chegou. Estes migrantes trabalhavam sob o sol ardente, a poeira, o perigo dos rios profundos, os insetos e as doenças, a miséria generalizada, as disputas de território com os nativos. Conforme ressalta SILVA (1936 p. 75):

---

<sup>1</sup> Senhor João Rosa. Entrevista concedida em 23/12/2009.

É entretanto aos humildes garimpeiros, atirados na luta estóica à procura das pedras preciosas, que se deve a máxima parcela das repetidas monções que foram devassar o prodígio da terra inculta. Veremos as mais tremendas adversidades, eles traçaram no deserto, atraídos pela miragem da fortuna, uma das paginas mais belas e mais enérgicas da existência do nosso homem sertanejo.

Trabalhadores do garimpo refletiam a ocupação agressiva do território, de domínio das hostilidades naturais. Pessoas que se submetem à migração na maioria dos casos o fazem devido às difíceis condições de vida em suas sociedades de origem, ou seja, saem em busca da sobrevivência. Portanto, as razões são diversas, variando desde problemas econômicos até questões de perseguições políticas, religiosas, étnicas, familiares entre outras. Embora busquem refúgios para superação das condições supramencionadas, essas condições inadequadas de vida ainda os acompanham quando vão para lugares com outra cultura, com outros valores e outros costumes. Aqueles que se deslocaram, ao se instalarem em outro espaço social, investiram no aprendizado e reinvenção de novos códigos sociais, apresentando-se sob outras identidades.

Ribeiro (2001, p. 11) destaca:

O impacto causado por diferentes culturas redonda numa dialética em que o migrante interpreta sua permanência nesse novo contexto, confrontando o novo estilo de vida com o antigo. Nesse processo contraditório, vai procurando se adequar as exigências dessa nova realidade, modo que, quando não consegue vencer tais dificuldades, resta-lhe, como alternativa, nova migração.

Esses povoados que se formavam, eram núcleos sociais de vida incerta e nômade. Como a historiadora Regina Beatriz Guimarães Neto destaca, a migração era como uma constante na vida de muitos garimpeiros, que vinham em busca de “possibilidades de vida e fé na existência de uma longínqua terra sem mal” (1996 p. 101) é o que expressa o sentido movediço dessas populações.

Aqueles que migram, ao chegarem em seu local de destino, (se é que chegam, já que no caso de garimpeiros muitos saem do seu local de origem e nunca chegam a um destino, pois vivem se deslocando) confrontam-se com uma série de diferenças em diversos planos. O próprio deslocamento do espaço implica contatos a partir de

inúmeras fronteiras que entrecruzam visões de mundo, valores e práticas culturais. Logo o migrante que traz consigo uma referência cultural com seus valores passa a ter outras referências (do novo espaço em que se encontra) que são ressignificadas.

Maurice Halbwachs em “Memória Coletiva” (1990, p.26) defende que a memória individual existe somente a partir da memória coletiva, já que todas as lembranças são construídas no interior de um grupo e a memória se apóia em um tempo social que foi vivido pelo indivíduo dentro de determinado grupo. A origem de várias idéias, reflexões, sentimentos que atribuímos a nós são, na verdade, inspiradas pelo grupo. Para Halbwachs, as imagens e lembranças que estão armazenadas em nossa memória são apenas “um ponto de vista sobre a memória coletiva, [...] este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e [...] este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios.” (1990 p. 51).

Para Queiroz, a história de vida, ou seja, relatos orais assim como para Halbwachs é muito importante para a reconstituição da história social, já que o indivíduo viveu e presenciou os contextos sociais. A autora considera que a história de vida é:

[...] um instrumento privilegiado para análise e interpretação, na medida em que incorpora experiências subjetivas mescladas a contextos sociais. Ela fornece, portanto, base consistente para o entendimento do componente histórico dos fenômenos individuais, assim como para a compreensão do componente individual dos fenômenos históricos. (Queiroz, 1988 p. 30)

Paul Veyne (1998) nos faz refletir sobre a escrita da história e os discursos que a constituem. O autor mostra-se de início preocupado em debater sobre a cientificidade da história e afirma que este não é um debate em vão, procurando estabelecer o esforço narrativo do historiador e o esforço teórico - conceitual a que este último muitas vezes é obrigado a se dedicar. Mas para ele esta tal cientificidade da História não existe. Para Veyne, a própria história não existe. “A história não é uma ciência e não tem muito a esperar das ciências; não explica e não tem método; mais ainda, a História da qual se fala muito desde há dois séculos, não existe”. E concluiu afirmando que: “a resposta à questão não mudou desde os sucessores de Aristóteles: os historiadores narram acontecimentos verdadeiros que têm o homem como ator: a história é um romance verdadeiro”.

Os debates e explicações que a história nos traz sobre os fatos sociais, políticos, econômicos, culturais dão o sentido para o historiador construir sua narrativa. Veyne questiona a neutralidade da história, já que o historiador terá uma posição sobre essas explicações dadas pela História. Então é possível descrever a história sem julgá-la? O autor conclui que a história, definitivamente, não é uma ciência.

Enquanto a História se caracteriza por uma trama, uma rede de significações que o próprio historiador cria com sua subjetividade, a ciência constitui-se de causas materiais, de fins e acasos. Subjetividade esta do historiador, que um fato por si só não é interessante. O que o torna interessante é o olhar e a atenção dada por quem escreve essa história. O historiador tem o poder de dar voz a fatos que ele considera mais interessantes e silenciar sobre outros. Segundo Veyne (1998, p. 27):

[...] Um século é um branco nas nossas fontes, e o leitor mal sente a lacuna. O historiador pode dedicar dez páginas a um só dia e comprimir dez anos em duas linhas: o leitor confiará nele como um bom romancista, e julgará que esses dez anos são vazios de eventos.

A escolha do historiador pelo tema que irá desenvolver em sua pesquisa vem de sua individualidade como pessoa. A pesquisa que estou desenvolvendo, por exemplo, está circunscrita ao município onde nasci e estou entrevistando pessoas conhecidas e, algumas inclusive, ligadas por vínculos sanguíneos. Logo, a minha experiência de vida naquele lugar e a convivência que tive com estas pessoas fizeram surgir em mim à curiosidade para pesquisar e escrever sobre este tema. Veyne (1998, p. 37), enfatiza:

[...], o historicismo concluiu que História era subjetiva, que ela era a projeção de nossos valores e a resposta às nossas perguntas que houvéssimos por bem fazer-lhe. [...]; sim a história não é senão respostas a nossas indagações, por que não se pode, materialmente, fazer todas as perguntas, descrever todo o porvir, e porque o progresso do questionário histórico se coloca no tempo e é tão lento quanto o progresso de qualquer ciência; sim, a história é subjetiva pois não se pode negar que a escolha de um assunto para um livro de história seja livre.

Para Veyne o sentido da história é dado pelos discursos que a constroem. O autor busca em Foucault demonstrar que cada objeto está ligado a um discurso que o constitui em determinado momento histórico. A busca pela história dos objetos do passado é uma tentativa de compreender as condições de possibilidade que os

produziram e nos levam a constituir o presente. O autor mostra que não podemos aplicar conceitos iguais para momentos históricos diferentes. Devemos entender as práticas sociais dos diferentes momentos históricos, pois as práticas vêm das mudanças históricas, das transformações da realidade histórica. Ele chama a atenção para observarmos com exatidão as práticas e o discurso que as pessoas produzem em sua época. Ao trabalharmos com vestígios, indícios e documentos, devemos entender as práticas sociais que deram origem a estes elementos. Daí a importância de compreendermos a relevância de estudar a História, uma vez que estudar a genealogia da produção desses objetos é fundamental para compreender os discursos que são aceitos. Veyne (1998 p. 280) se posiciona sobre esta questão:

A história-genealogia à Foucault preenche, pois, completamente o programa da história tradicional; não deixa de lado a sociedade, a economia, etc., mas estrutura essa matéria de outra maneira: não os séculos, os povos nem as civilizações, mas as práticas; as tramas que ela narra são a história das práticas em que homens enxergaram verdades e das suas lutas em torno dessas verdades. Esse novo modelo de história, essa arqueologia, como chama seu inventor [...] não se especializa na prática, no discurso, na parte imersa do *iceberg*, ou antes, a parte oculta do discurso e da prática é inseparável da parte emersa.

Segundo Veyne “a palavra discurso ocorre tão naturalmente para designar o que é dito como o termo prática para designar o que é praticado”. O autor afirma que Foucault “nos convida a observar, com exatidão, o que assim é dito.” (1998, p. 252). Pois no que se diz poderemos encontrar traços de “preconceitos, reticências, saliências, e reentrâncias inesperadas de que os locutores não estão de maneira nenhuma conscientes.” (1998, p. 252).

A narrativa histórica é que conduz à visibilidade do fato histórico, sendo assim, a narrativa se torna condição importante para o papel do historiador na sua articulação com teorias e fenômenos, compondo essa narrativa. É com a narrativa que trazemos o acontecimento, o vivido, o pensado ao campo da História.

Hayden White em 1973 quando escreveu seu livro *Meta-História* toma partido por uma História subjetiva como produção humana admitindo que a narrativa continue sendo a manifestação principal da historiografia, pois, não há possibilidade de abordar

o acontecimento histórico com a exatidão do momento em que se passou. Nas palavras de White:

Nessa teoria trato o trabalho histórico como o que ele manifestamente é: uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa. As histórias (e filosofias da história também) combinam certa quantidade de “dados” conceitos teóricos para “explicar” esses dados e uma estrutura narrativa que os apresenta como um ícone de conjuntos de eventos presumivelmente ocorridos em tempos passados. Além disso, digo eu, eles comportam um conteúdo estrutural profundo que é em geral poético e, especificamente, lingüístico em sua natureza, e que faz às vezes do paradigma pré-criticamente aceito daquilo que deve ser uma explicação eminentemente “histórica”. (1992. p. 11)

Mas, isso implica que os historiadores devem reconhecer o problema e aceitar que a História utiliza como principal apoio teórico a filosofia, e como forma de narrativa, quem lhe serve é a literatura. O historiador ao voltar seu olhar ao passado vê esse passado com os olhos que tem do presente; com sua cultura, com seu tempo, com a sua forma de entender os acontecimentos. Para Williams (1992) cultura é produto e produção de um modo de vida em um determinado momento histórico. Assim ao escrever sobre o passado, o historiador vai tecer o texto com as visões impregnadas do seu ser, do seu mundo, pois a realidade concreta não estaria nos eventos agrupados pelo historiador, não seria tão simplesmente uma apreensão de dados exteriores, mas sim a construção de visões de mundo do historiador. Desta forma é a partir das visões de mundo pessoais e das visões de mundo dos entrevistados que estamos trabalhando na construção desse trabalho de Dissertação de Mestrado.

**BIBLIOGRAFIA UTILIZADA:**

- GUIMARÃES NETO**, Regina Beatriz. *Grupiaras e Monchões: garimpos e cidades na história do povoamento do leste de Mato Grosso – primeira metade do século vinte*. Tese de doutorado. Unicamp. Campinas. 1996.
- HALBWACHS**, Maurice (1877-1945). *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOLANDA**, Sergio Buarque. *Caminhos e Fronteiras*. 3ª Ed. São Paulo. 1994.
- KNAUSS**, Paulo. *Oeste Americano: quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América de Frederick Jackson Turner*. Niterói: editora da Universidade Federal Fluminense, 2004.
- MARTINS**, José de Souza. *Fronteira: a degradação do outro nos confins do humano*. São Paulo: Hucitec, 1997.
- QUEIROZ**, Maria Isaura Pereira de. *Relatos Oraís: do “indizível” ao “dizível”*. in: SIMSON, Olga Moraes Von. *Experimentos com Histórias de Vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: vértice, 1988.
- RIBEIRO**, Hidelberto de Sousa. *O migrante e a cidade: dilemas e conflitos*. Araraquara: [S.ed.], 2001.
- SILVA**, Hermano Ribeiro da. *Garimpos de Mato Grosso. Viagens ao Sul do Estado e ao lendário Rio das Garças*” Coleção Saraiva 1936
- SILVA**, Janice Theodoro da. *América Barroca : temas e variações*. São Paulo : Edusp- Nova Fronteira, 1992.

**VEYNE, Paul.** Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história. Brasília: UNB, 4ª ed., 1998.

**WHITE, Hayden.** *Meta-história: a imaginação histórica do século XIX.* São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1992.

**WILLIAMS, Raymond.** *Cultura.* Rio de Janeiro. Ed. Paz e Terra. 1992.

**Entrevista:**

Senhor João Rosa. Entrevista concedida em 23/12/2009.

**Jornal:**

“O Garimpeiro”. Ano II. Nº 17. Lageado, 15 de agosto de 1938.